

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória - ES.

Observações sobre a vivência e o cotidiano do campo de concentração de Auschwitz nos escritos de Primo Levi

Ariel Cherxes Batista - UFES¹

Resumo: O presente trabalho possui como objetivo apresentar e analisar as observações elaboradas pelo químico e escritor italiano Primo Levi, que viveu um ano no campo de concentração de Buna – Monowitz (Auschwitz III), entre fevereiro de 1944 e janeiro de 1945. Sobre o período que passou neste campo Primo Levi escreveu algumas obras em que resgata e registra o que viveu como prisioneiro, sempre se interrogando sobre a condição do homem frente à barbárie do lager. Assim, no presente trabalho, buscaremos elucidar sobre o cotidiano e as relações sociais dos prisioneiros no Campo de Auschwitz, assim como também tratar dos traumas trazidos à memória por conta da vivência neste ambiente a partir do que Primo Levi escreveu.

Palavras – chave: Testemunho; Auschwitz; Condição Humana;

Introdução

Diferente das fábricas da morte existentes antes em Treblinka, Sobibor e Belzec, instaladas com o único objetivo de matar os judeus da Polônia, Auschwitz ilustra a efetivação do programa de extermínio dos judeus. Na análise de sua experiência neste campo, Levi aponta variados exemplos de que a nulidade de um indivíduo é que produz a grandeza dos outros, e que é rebaixando alguém ou mesmo trazendo sofrimento a este mesmo, que o indivíduo consegue afirmar-se tão bem quanto se elevando ou agradando-se a si mesmo (TODOROV, 2002, p. 217). Este fato é perceptível nas relações tanto entre os oficiais nazistas, quanto entre os prisioneiros, pois a luta pela sobrevivência que era o principal no campo levava à busca pela ascensão social, que por sua vez possibilitava aos prisioneiros alguns benefícios, o principal deles a vida. Podemos exemplificar isso no sentido da estrutura social do campo se basear na seguinte lei: “os privilegiados oprimem os não privilegiados” (LEVI, 1988, p. 60).

¹ Estudante de graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolve monografia no grupo de pesquisa “Cotidiano, cultura e poder na Europa do Entre-Guerras”, sob orientação do professor Dr. Geraldo Antonio Soares.

Auschwitz representou a má nova do que o homem poderia fazer ao outro homem, o interessante em todo este episódio são as maneiras de viver impostas aos prisioneiros. Segundo Hannah Arendt, a vida nos campos, só pode ser descrita com imagens extraterrenas, como se a vida neste ambiente fosse separada das finalidades deste mundo. Para a autora, os campos de concentração podem ser classificados em três tipos correspondentes às três concepções básicas de uma vida após a morte, o Limbo, o Purgatório e o Inferno. Ao se fazer um paralelo com os relatos estudados, o campo de Auschwitz, seria o Inferno, que é representado como aquele tipo de campo que os nazistas aperfeiçoaram e onde toda a vida era organizada, completa e sistematicamente, de modo a causar o maior tormento possível (ARENDR, 2012, p. 591). Neste ambiente de total hostilidade, o desespero e a esperança se alternavam numa proporção que atordoaria a qualquer indivíduo, pois segundo Levi, um regime desumano difunde e estende sua desumanidade em todas as direções, inclusive e especialmente para baixo.

Basicamente, a ideia do presente trabalho é a de elucidar sobre a vivência dos prisioneiros no campo, nas mais variadas particularidades, buscando explicar fatos sobre o absurdo dos *lager* e seu cotidiano.

Entretanto, para tratarmos disso, antes temos que elucidar sobre a formação e o fortalecimento do Nazismo no poder, assim como também de sua política de cunho racial.

A origem e fortalecimento do Nazismo no poder

Pode-se dizer que o totalitarismo é um movimento que se mantém e sobrevive a partir de uma relação de reciprocidade do líder com a massa.

Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Esta característica faz parte da base central do pensamento totalitário, pois como afirma Hannah Arendt, no nazismo, apenas era um indivíduo privado na Alemanha, aquele que estivesse dormindo durante as ações do Reich no poder (ARENDR, 2012, p. 466).

Todorov, no livro “*Memória do mal, tentação do bem*”, considera o totalitarismo uma novidade pior do que aquilo que o precedia.

Segundo a filósofa Hannah Arendt, o totalitarismo na Alemanha, surge quando a sociedade de classes se encontra desestruturada e cética frente a seu futuro político, por conta da derrota na Primeira Guerra Mundial e da crise instaurada na economia. Nas palavras da autora:

A queda das paredes protetoras das classes transformou as maiorias adormecidas, que existiam por trás de todos os partidos, numa grande

massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos que nada tinham em comum exceto a vaga noção de que as esperanças partidárias eram vãs; que, conseqüentemente, os mais respeitados, eloquentes e representativos membros da comunidade eram uns néscios e que as autoridades constituídas eram não apenas perniciosas, mas também obtusas e desonestas. Essa massa de homens insatisfeitos e desesperados aumentou rapidamente na Alemanha e na Áustria após a Primeira Guerra Mundial, quando a inflação e o desemprego agravaram as conseqüências desastrosas da derrota militar, despontou em todos os Estados sucessórios e apoiou os movimentos extremistas da França e da Itália desde a Segunda Guerra Mundial (ARENDDT, 2012, p. 444).

Foi neste cenário tempestuoso, que o Nazismo surge na Alemanha. Sua política maniqueísta divide os bons dos maus, e fixa como objetivo o aniquilamento destes últimos, mais precisamente os judeus e outros que eram considerados indignos de viver. Todavia, seu projeto político, promete felicidade a todos, mas esta felicidade apenas acontece, quando tiverem sido eliminados aqueles que não são dignos dela, classes inimigas e raças inferiores.

O ódio aos judeus e início das perseguições

Existem diversas razões a serem elencadas para tratar do ódio dos nazistas aos judeus. Busca-se entender, como uma sociedade aceitou de bom grado uma política de extermínio tão cruel. Um fato que se destaca nesta discussão, e que pode ser usado como explicação para a indagação acima, é a efetivação da propaganda e o fortalecimento da ideologia antisemita na população alemã, tida como ariana.

Os nazistas deram à questão judaica a posição central na sua propaganda, no sentido de que o antissemitismo já não era uma questão de opinião acerca de um povo diferente da maioria, nem uma questão de política nacional, mas sim a preocupação íntima de todo indivíduo na sua existência pessoal (ARENDDT, 2012, p. 466).

Só se podia ser do partido se a “árvore genealógica” estivesse em ordem, e esta ordem era mostrada a partir de quanto mais alto fosse o posto da família do indivíduo na hierarquia nazista. Esta ideia condiz com a afirmação de Hannah Arendt, de que a propaganda nazista foi suficientemente engenhosa para transformar o antissemitismo em princípio de auto definição libertando-o assim da inconstância de uma mera opinião. (ARENDDT, 2012, p. 492).

Em suma, podemos firmar que o Estado para Hitler era um “meio” para a preservação da raça, e isto acontecia a partir da efetivação da propaganda e conseqüentemente também do seguimento da ideologia nazista pela população.

Desta maneira, pode-se dizer que o ódio aos judeus ocorre, pois a ideologia criada foi mantida e aperfeiçoada como arma política e não apenas como doutrina teórica.

Hitler previa que na guerra política o racismo seria um aliado forte na conquista de simpatizantes. [...] os nazistas sabiam que o melhor meio de propagar a sua ideia estava na sua política racial, da qual a despeito de muitas outras concessões, [...] nunca se haviam afastado por amor à conveniência (ARENDDT, 2012, p. 233).

Com o fortalecimento desta política iniciam – se as perseguições aos judeus, e o seu desfecho trouxe marcas indeléveis ao mundo, que ainda hoje busca compreender o real sentido de todos estes acontecimentos, pois Hitler quer destruir à pseudo - raça judaica a fim de purificar seu povo e obter assim uma melhor raça ariana, portanto outro homem e, claro um regime novo; quer uma nação, e mais tarde uma humanidade, sem judeus (TODOROV, 2002, p. 49).

O embrutecimento da política contra os judeus

No livro “*Terras de Sangue*”, Timothy Snyder afirma que os judeus foram mortos, pois Hitler definira isso como um objetivo da guerra. Entretanto, antes das mortes em massa acontecerem, um fato possuiu fundamental importância neste processo, à promulgação das Leis de Nuremberg².

Estas leis apenas confirmavam o que Hitler já havia repetido muitas vezes: “O Estado é apenas um meio para um fim. O fim é: conservação da raça” (REDEN, 1939, p. 125 apud ARENDT, 2012, p. 733).

² As Leis de Nuremberg são três textos adotados pelo Reichstag sob iniciativa de Adolf Hitler, no 7.º congresso anual do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em 15 de setembro de 1935. A terceira lei escrita neste texto define essencialmente a transcrição para instrumentos legislativos do Terceiro Reich de toda a ideologia antissemítica do nazismo, permitindo e fomentando os processos de perseguição aos judeus na sociedade alemã.

Desta maneira, o Estado Nazista declarava, que para o “movimento” era mais importante demonstrar que era possível fabricar uma raça pela aniquilação de outras raças do que vencer uma guerra de objetivos limitados (ARENDDT, 2012, p. 550).

Visto de fora, isto parece loucura, mas em suma é a consequência da superioridade que o Estado Nazista exercia sobre o indivíduo. Em diversos momentos, Hitler ratificava um maior abrutamento da política em relação aos judeus, e também seu desejo por guerra, e para isso como pretexto, usava a eliminação judaica. Um exemplo disto é seu anúncio ao Reichstag alemão em janeiro de 1939: “Desejo hoje mais uma vez fazer uma profecia: caso os financistas judeus [...] consigam novamente arrastar os povos a uma guerra mundial o resultado será [...] a aniquilação da raça judaica na Europa” (ARENDDT, 2012, p. 483).

Himmler, chefe da SS, em um de seus discursos para estes oficiais, deu um exemplo do que representava a aniquilação da raça judaica para o Nazismo. Segundo ele: “O antissemitismo é exatamente a mesma coisa que catar piolhos. Catar piolhos não é uma questão de ideologia: é uma questão de limpeza” (D’Alquen, 1942, p. 572 apud ARENDDT, 2012, p. 745).

De certa forma Himmler queria mostrar, assim como Hitler, que o valor do ariano está em seu sangue, e que o aniquilamento se faz necessário para tornar a Alemanha mais forte. Porém, esta visão da sociedade e da liderança nazista, confirma para nós que todo este pensamento veio a ser o poderoso racismo destruidor das nações e aniquilador não só de judeus, mas também da humanidade (ARENDDT, 2012, p. 237).

Destino selado

Em nove de novembro de 1938, ocorre em diversos locais da Alemanha e da Áustria, o episódio chamado de noite dos cristais³. Em 1939, a invasão da Polônia, ou seja, o início da Segunda Guerra Mundial, com várias vitórias do exército nazista.

A partir de todos estes acontecimentos, Primo Levi, em seu livro “*A Tabela Periódica*”, afirma:

³ Este acontecimento tratou-se de pogroms, com a destruição de sinagogas, lojas, habitações e de agressões contra as pessoas identificadas como judias. Para o regime nazista foi à resposta ao assassinato de Ernst von Rath, um diplomata alemão em Paris, por Herschel Grynszpan, um judeu polaco, condenado múltiplas vezes a deportação da França. Nesta ação numa única noite, 91 judeus foram mortos e cerca de 25.000 foram presos e levados para campos de concentração. 7500 lojas judaicas e 267 sinagogas foram reduzidas a escombros.

Em janeiro de 1941, a sorte da Europa e do mundo parecia selada. Só alguns ingênuos podiam ainda pensar que a Alemanha não venceria; Só um cego e surdo voluntário podia duvidar do destino reservado aos judeus numa Europa alemã: tínhamos lido [...] um Livro branco inglês, vindo da Palestina, em que se descreviam as “atrocidades nazistas”; acreditávamos na metade do que diziam, mas era o suficiente. (LEVI, 1994, p. 55).

Para colocar em prática tudo o que foi dito em discurso e escritos antisemitas, Hitler, junto ao alto escalão do Partido Nazista resolvem instituir os campos de concentração. Um fato curioso, levantado por Hannah Arendt, é que os campos, não são uma invenção nazista. Nas palavras da autora:

[Os campos]. Surgiram pela primeira vez durante a Guerra dos Bôeres, no começo do século XX, e continuaram a ser usados na África do Sul e na Índia para os “elementos indesejáveis”; [...] Esses campos correspondem, em muitos detalhes, aos campos de concentração do começo do regime totalitário; eram usados para “suspeitos” cujas ofensas não se podiam provar, e que não podiam ser condenados pelo processo legal comum (ARENDDT, 2012, p. 584).

Os campos nazistas foram, além disso, no sentido de que serviam como laboratórios onde se demonstrava a crença de que tudo era possível. (ARENDDT, 2012, p. 581).

Como afirma Primo Levi, no início de: “É isto um homem?”, o campo é o produto de uma concepção do mundo levada a suas ultimas consequências (LEVI, 1988, p. 7).

Outro sobrevivente, David Rousset, citado por Hannah Arendt diz ser o campo, o modelo social perfeito para o domínio total em geral. Pois a experiência do domínio total nos campos de concentração depende de seu fechamento ao mundo de todos os homens ao mundo dos vivos em geral, até mesmo ao mundo do próprio país que vive sob o domínio totalitário (ARENDDT, 2012, p. 583).

Segundo Levi, quando ele e seus compatriotas observaram está o círculo nazista se fechando em volta deles, podiam afirmar: o céu sobre nós estava silencioso e vazio: deixava serem exterminados os guetos poloneses, e lentamente, confusamente, abria caminho em nós a ideia de que estávamos sozinhos, não tínhamos aliados com quem contar nem na terra nem no céu, a força de resistir devíamos encontra-la em nós mesmos (LEVI, 1994, p. 57).

A resistência, a captura e a iniciação no lager

Nosso objetivo neste trabalho é apresentar e analisar as observações do químico e escritor italiano Primo Levi, que ficou preso um ano no campo de concentração de Buna –

Monowitz (Auschwitz III), entre fevereiro de 1944 e janeiro de 1945. Partindo deste princípio e agora que possuímos o cenário desenhado, faremos um estudo de caso a partir de Primo Levi, de como foi à experiência traumática do nazismo para um judeu.

Antes de adentrar no lager, Primo Levi, por ser Judeu, já vivia um processo de marginalização. Em julho de 1941 havia recebido seu diploma de químico, segundo ele, um diploma finamente ornado e que possuía escrito em caracteres elegantes que a Primo Levi, de raça judia, se conferia a licenciatura em Química com nota máxima e louvor (LEVI, 1994, p. 68).

Os caracteres: “de raça judia”, eram responsáveis por essa marginalização. O que Primo Levi não esperava, é que o pior ainda estava por vir.

Em novembro de 1941, Levi via o mundo a sua volta se precipitar na catástrofe, porém, com ele, não acontecia nada.

Os alemães espalhavam-se pela Polônia, Noruega, Holanda, França, Iugoslávia, e penetravam nas planícies russas como uma faca na manteiga; os Estados Unidos não se mexiam em socorro dos ingleses, que tinham ficado sós. Eu não achava trabalho e me cansava na busca de uma ocupação remunerada qualquer (LEVI, 1994, p. 68).

No mesmo dia em que foi noticiada a notícia do ataque japonês a Pearl Harbor e da declaração de guerra do Japão aos Estados Unidos, Primo Levi estava em um jantar oferecido pela empresa que o contratou para explorar uma mina de amianto.

No outono de 1942, a situação já estava catastrófica, os nazistas estavam chegando. Residente em Turim, e empregado, Primo Levi observava que a situação estava ficando cada vez mais difícil, o ano de 1942, passou rapidamente, e anunciava que acontecimentos graves estavam por vir. Em março de 1943, as greves de Turim iniciaram e em 25 de julho o colapso do Fascismo veio à tona, a invasão nazista estava por um triz.

Então, [...] sobreveio o oito de setembro, a serpente verde – cinza das divisões nazistas pelas ruas de Milão e Turim, o despertar brutal: a comédia acabara, a Itália era um país ocupado, como a Polônia, como a Iugoslávia, como a Noruega. Primo Levi e seus companheiros Turinenses não sabiam o que deveria ser feito nesta situação, mas queriam resisti-la de algum jeito. Assim, de forma extremamente insegura, com mais desespero do que esperanças no coração, e num país arruinado e dividido, saíram a campo para medir forças (LEVI, 1994, p. 130).

Levi e seus companheiros resistiram por pouco mais de três meses. A sua experiência como guerrilheiro no Movimento “*Giustizia e Libertà*”⁴ segundo ele, não foi fácil.

Não fora fácil, para mim, escolher o caminho da montanha e contribuir para criar o que, em minha opinião e na de alguns amigos pouco mais experientes do que eu, deveria tornar-se um grupo de guerrilheiros [...] Faltavam os contatos, faltavam às armas, o dinheiro e a experiência para consegui-los; faltavam homens capazes; estávamos no meio de um monte de gente sem a menor qualificação; gente de boa ou má fé, que chegara até lá vinda da planície, à procura de uma organização inexistente, de quadros, de armas, ou apenas de proteção, de um esconderijo, do calor de uma fogueira, de um par de sapatos (LEVI, 1987, p. 11).

Tínhamos frio e fome, éramos os guerrilheiros mais desarmados do Piemonte e também, provavelmente, os mais despreparados. Acreditávamo-nos a salvo, porque ainda não saíramos de nosso refúgio, escondido por um metro de neve: mas alguém nos traiu e, na madrugada de 13 de dezembro de 1943, acordamos cercados pela república; eles eram trezentos, e nós onze, com uma metralhadora sem munição e alguns revólveres (LEVI, 1994, p. 130).

No início de “*É isto um homem?*”, Primo Levi narra à sucessão de coisas que ocorrem após esta captura. Durante quatro anos após a conclusão de seu curso de Química vivia em seu mundo próprio, um tanto apartado da realidade. Podemos dizer que seu período de liberdade marginalizada por ser judeu, termina aqui, pois logo em seguida a sua captura, Primo Levi é interrogado, e admite ser judeu, temendo ser torturado até a morte por conta de sua atividade política.

O interessante nesta parte da história, é que Primo Levi acreditava ser o destino dos judeus, mais tranquilo do que o dos presos políticos durante o interrogatório.

[...] ou era judeu ou era guerrilheiro; se guerrilheiro, me entregaria ao pelotão de fuzilamento; se judeu, bom havia um campo de concentração em Carpi, eles não eram sanguinários, ali ficaria até a vitória final (LEVI, 1994, p. 133).

⁴ “*Giustizia e Libertà*” foi um movimento político liberal-socialista fundado em Paris em agosto de 1929 por um grupo de exilados antifascistas. O movimento possuía tendências políticas variadas, mas era a vontade comum do grupo, organizar a oposição eficaz e ativa contra o Fascismo. O movimento também desempenhou um papel muito importante de informação e sensibilização da opinião pública internacional, revelando a realidade que estava escondida por trás da propaganda do regime.

Contudo, o que Primo Levi e seu interrogador não sabiam, é que o campo de Fóssoli, perto de Módena, para onde foi mandado no final de janeiro de 1944 em poucas semanas passaria para poder dos nazistas, era o início de uma nova vida, mas que também pode ser considerado o caminho para a morte.

No dia 20 de fevereiro, os alemães tinham inspecionado meticulosamente o campo de concentração. Na manhã do dia 21, porém, soube-se que os judeus seriam levados no dia seguinte. Todos sem exceção. Inclusive as crianças, os velhos, os doentes. Não se sabia para onde. A ordem era preparar-se para uma viagem de quinze dias. Se um prisioneiro faltasse à chamada, dez seriam fuzilados (LEVI, 1987, p. 13).

A deportação para Auschwitz ocorre depois que o governo alemão em vista da crescente escassez de mão de obra, resolve prolongar a vida média dos prisioneiros a serem eliminados (os indignos de viver), que na visão do regime, alguns destes eram aptos para o trabalho.

No dia 22 de fevereiro de 1944, 650 “peças”, titulação dada aos prisioneiros pelos alemães, embarcaram em um trem na estação de Cárpi, onde já receberam as primeiras pancadas, sem saber do que se tratava. Após isso, este grupo condenado com alívio qual era seu destino: Auschwitz. Um nome que segundo Levi nada significava, mas que tempos depois significou muito, pois ali a condição humana foi posta em seu limite, a luta pela vida se tornou implacável e os homens se viram feroz e desesperadamente sós.

Primo Levi viajou em um dos vagões mais afortunados para Auschwitz, dos 45 que embarcaram com ele, quatro voltaram. Por pouco mais de um ano, Primo Levi e milhões de outros judeus conheceram a barbárie do universo concentracionário, um universo que não era fechado, mas que por ser um laboratório tão aberto a novas experiências, demonstrou ser um universo onde quem cometia erros, pagava, e o preço pago, era caro.

Vivência e Cotidiano do campo

O princípio do campo é a ideia de que: A fome, o frio, os choques e o trabalho forçado transformarão os seres no que os detentores do poder desejarem (TODOROV, 1995, p. 47). Podemos dizer ser o conjunto destas quatro coisas, a personificação dos prisioneiros. Na visão de Primo Levi, os que habitavam o campo de concentração, não eram normais porque passavam fome.

A fome de então nada tinha em comum com a bem conhecida sensação de quem perdeu uma refeição. Era uma exigência, uma falta, um *yearning*, que nos acompanhava e lançara

em nós raízes profundas e permanentes, procurar o que comer era o estímulo número um (LEVI, 1994, p. 140).

Sobre o frio passado nos campos, podemos nos apoiar sobre o relato de Levi sobre a hora da chamada para início de mais um dia de trabalho. Vale ressaltar, que na entrada do campo, o prisioneiro passa frio ao ser totalmente desnudo, antes de sua iniciação no trabalho. Sobre a chamada, Primo Levi nos conta que se desenrolava com qualquer tempo, e durava pelo menos uma hora, ou mais, se se suspeitasse de uma evasão.

Quando chovia ou nevava, ou quando o frio era intenso, tornava-se uma tortura, pior do que o próprio trabalho (LEVI, 2004, p. 99). O frio então era algo presente nos campos de concentração.

Podemos dizer que os choques ao prisioneiro do campo de concentração, ocorreram num sentido psicológico e também literal. Em nossa abordagem, problematizaremos sobre o sentido psicológico, tomando como base as marcas que a vivência no campo causou a cada prisioneiro durante e após esta experiência tão traumática.

Os trabalhos forçados, submetidos aos prisioneiros, estão diretamente ligados com o impacto sofrido por eles frente aos fatos traumáticos que lhes foram reservados.

Muitos dos que habitaram os campos, ficaram tão chocados com a sua passagem neste ambiente, que sequer ao menos a relataram. Alguns outros, como Primo Levi, produziram relatos com o intuito de desenvolver uma libertação interior. Partindo deste princípio, podemos dizer que a vivência no campo de concentração choca a aquele que foi personagem deste momento. No fragmento a seguir, Primo Levi explica porque viver no campo era tão difícil. Nas palavras do autor:

Era difícil aceitar a *routine*: arrumar a cama no modo perfeccionista e idiota que descrevi entre as violências inúteis, lavar o chão de madeira com sórdidos trapos molhados, vestir-se e desnudar-se sob ordens, exibir-se nu por ocasião dos inúmeros controles de piolhos, sarnas, da limpeza pessoal, adotar a paródia militarista da “ordem unida”, da “posição de sentido”, de “tirar o gorro” de improviso diante do SS graduado, de ventre suíno. Isto, sim, era percebido como uma destituição, uma regressão mortal para um estado de infância desolado, carente de amor e de mestres (LEVI, 2004, p. 115).

Este fragmento é apenas um pouco do muito que a vivência nos campos de concentração reservou a cada prisioneiro, e por conta destas várias coisas relatadas acima, a vivência destes seres que em pouco tempo se animalizavam, chocava.

Cada ordem esbravejada por um oficial nazista, a violência oferecida de graça e as humilhações baratas, reservadas por se pertencer a uma etnia considerada inferior, deixou marcas difíceis de serem apagadas, de certa forma provocaram um grande choque aos participantes deste período que pode ser definido como uma catástrofe na história da humanidade.

A lembrança de ter sido reduzido a viver apenas para comer, para ficar no meio de seus excrementos, a temer todo poder, é insuportável. Essa vergonha de ter sido objeto de humilhações e ofensas é indelével (TODOROV, 1995, p. 290).

Sobre o cotidiano nos campos, Primo Levi destaca que a forma de tratamento era a mesma a todos os prisioneiros do campo. Mesmo assim, cada um, de forma subjetiva ou objetiva, viveu o Lager a sua maneira (LEVI, 2004, p. 60).

Conclusão

No livro *“Em face do Extremo”*, Todorov, apresenta a ideia de que os relatos sobre os campos, se bem observados e guardados, contribuem para o combate a desumanidade. É fato que os campos de concentração, findaram-se faz alguns anos. Estuda-los hoje, servem para como escreveu Primo Levi, procurar buscar entender a finalidade por trás do fenômeno dos lager. Esta ideia se liga ao fato de que: “[...] um episódio tão excepcional da condição humana [...] pode servir para colocar em evidência valores fundamentais”. (Levi, 1987, p. 113). Sendo assim, a razão por trás de todo este estudo, é observar as particularidades e características dos campos de concentração, para que a ideia de algo desta magnitude seja entendida e compreendida, para jamais se repetir em nossa história.

Bibliografia

Fontes:

LEVI, Primo. **A tabela periódica**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume- Dumerá, 1994.

._____. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

._____. **Os afogados e sobreviventes: Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Bibliografia:

1. ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (1ª ed. norte-americana 1949).

2. TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX**. Tradução de Joana Angélica D. Melo. São Paulo: Arx, 2002 (1ª ed. francesa 2000).

. _____. **Em face do extremo**. Tradução de Egon O. Rangel e Enid A. Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.